

CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS: A ANCESTRALIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Jorge Luiz Gomes Junior

Mestrando em Relações Etnicorraciais – CEFET/RJ
j.junior.rj@hotmail.com

Resumo: Reflexão acerca da presença e força dos mitos religiosos na sociedade africana, de cultura yorubá, assim como na afrobrasilidade, e seus reflexos na literatura brasileira para crianças e jovens, compreendendo a mesma, como um instrumento capaz de recriar conceitos referentes ao entendimento e percepção da cultura africana e afro-brasileira. Diante da necessidade de promover uma releitura das referências culturais do país, (re)avaliando/considerando a noção de afrobrasilidade presente nela e apoiados pela lei 10.639/03 pensa-se na possibilidade de apropriação da oratura de temática africana, para se recriar conceitos solidificados no imaginário de parte considerável da sociedade a respeito da cultura e religiosidade afro-brasileira, por oferecendo bases para o trabalho com a educação em uma perspectiva etnicorracial.

Palavras-chave: Oralidade, cultura afro-brasileira, literatura infanto-juvenil.

Abstract: Reflection about and strength of religious myths in african society, yoruba culture, as in afrobrasilidade, and its effects on Brazilian literature for children and youth, recognizing it as na instrument capable of recreating concepts for the understanding and perception of african culture and african-brazilian. Faced with the nee to promote arereading of cultural references of the country, (re) evaluating/considering the notion afrobrasilidade present in it and supported by Law 10.639/03 think on the possibility of appropriation of African-themed oratura, to recreate concepts solidified in the imagination of a considerable parto f society about the culture and african-brazilian religion, by offering bases to work with education in perspective atnicorracial

Keywords: Orality, african-brazilian culture, children's literature.

Este artigo pretende apresentar um projeto que vem sendo desenvolvido no NEAB/CEFET-RJ, no mestrado de Relações Etnicorraciais. É a partir da observação da oralidade, da palavra e sua força nas casas de Candomblé, que se começa a pensar essa pesquisa.

África é um continente plural, rico em tradições, culturas, línguas, e até mesmo religiosidades. Entretanto, em meio às diversidades que compõem esse espaço, há alguns relevantes pontos que perpassam pela cultura do continente e acabam ganhando visibilidade na diáspora. A relação africana com a palavra, ancestralidade e tradições é uma dessas marcas.

Alguns pensadores da africanidade, já refletiram sobre esses aspectos, nos oferecendo a partir dessas análises subsídios para se pensar as referidas questões por outro viés. Ao se pensar os saberes étnico-culturais tomando como norte os caminhos de África é indiscutível a percepção da presença do mito, da religiosidade e das tradições na cultura africana, uma vez que estes itens são partes essenciais na estruturação da sociedade em questão. O mito/oralidade ganha enorme destaque na formação sócio-cultural desses povos, a partir do momento que através dele é que se estabelece a ligação entre o passado e o presente, permitindo de alguma maneira, a perpetuação da religiosidade africana e o respeito às tradições. Sobretudo, a respeito da mitologia religiosa em África, especificamente a dos povos yorubás, deve-se destacar a grande função de formar os princípios morais e éticos, direcionando os caminhos do cotidiano e orientando os seres humanos, a partir das experiências dos orixás, seres encantados na natureza. Na literatura mítica, a natureza é humanizada e através dela são geradas críticas a cultura humana e aos valores morais que a cercam.

São inegáveis os reflexos da travessia, África-Brasil, na construção e desenvolvimento da cultura brasileira. A presença do negro e da afrodescendência foi por muito tempo invisibilizada. Colocado no espaço dos referenciais menores, as culturas negras partiram da marginalização, para que no cenário brasileiro contemporâneo pudessem se colocar na posição de enfrentamento, buscando respeito, igualdade, uma efetiva democracia.

O histórico processo de formação da sociedade brasileira e até mesmo, o desenvolvimento estrutural da construção do país, e da cultura nacional guarda nas tradições e demais heranças culturais vindas de África, assim como as de origem

indígena, uma parcela de seus alicerces. Nessa perspectiva é natural que as culturas a que se refere, ocupem diante das heranças européias e de suas relações no meio social, o mesmo espaço. Em comunhão, como afirma Munanga:

(...) essas heranças constituem a memória coletiva do Brasil, uma memória plural e não mestiça ou unitária. Uma memória a ser cultivada e conservada por meio das memórias familiares e do sistema educacional, pois um povo sem memória é como um povo sem história. (2010, p.50)

Muito do que é possível perceber como riqueza cultural do Brasil, assim como em inúmeras situações nos representa mundo a fora, chega até nós como contribuição africana decorrente do pós-travessia e do hibridismo que o sucede. Posteriormente ao tráfico negreiro, aspectos que o Brasil indígena-europeu não reconhecia sutilmente se estabelecem, exercendo atualmente profunda atividade na movimentação cultural do país. Entre esses agentes culturais, colaboradores da construção identitária dessa nação, encontra-se as religiões afro-brasileiras.

Como nos afirma Muniz Sodré:

(...) é fundamental a memória da contribuição africana em termos de estética, música, culinária e religiosidade para as formas de vida atuantes entre as classes subalternas no país. Não foi uma contribuição aleatória e anárquica, mas um verdadeiro processo civilizatório, que comporta mesmo a categoria “elite”, a propósito das movimentações sociais dos africanos e seus descendentes. As categorias litúrgicas matriarcais, aquelas que deram origem à profusão e à popularização dos cultos afro-brasileiros, foram resultado de uma aglutinação de elite, caracterizada pela participação fundacional de altos dignatários e sacerdotes do milenar culto aos orixás, trazidos ao Brasil na condição de escravos, em consequência das guerras interétnicas e das incursões guerreiras dos escravagistas no continente africano. (2006, p.12)

A lei 10.639/03 posteriormente alterada pela 11.645 vem fortalecer as iniciativas de enfrentamento às desigualdades e preconceitos, que alguns movimentos da sociedade como o movimento negro, vinham travando há algum tempo. Além disso, garante como propõe as diretrizes curriculares nacionais, o direito e igualdade de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros, através da valorização dessa face histórico-cultural dos afro-brasileiros e dos africanos, evidenciando positivamente o comprometimento com a educação de relações etnicorraciais. A partir dessa lei, o currículo escolar e até mesmo a escola como instituição podem ser repensados. Nesse exercício de repensar a sociedade e seus aparelhos, dando ênfase a educação, muitas possibilidades surgem.

Partindo da religiosidade afro-brasileira, pode-se dizer que é possível compreender os espaços de culto religioso, e nesse sentido fala-se exclusivamente de terreiros de Candomblé, como um espaço de resistência. Esses grupos recriam no Brasil tradições que vieram de terras africanas. Resistiram a todas as tentativas de sufocamento, por parte do colonizador, driblaram as mais ardilosas estratégias, como por exemplo a junção de grupos de diferentes línguas. A língua é instrumento de dominação. Considerando o pressuposto da não compreensão entre os diferentes povos, acreditou-se na impossibilidade de resistência a cultura dominante, único ponto comum a eles, além da condição de escravizados. Com um instinto de resistência, os afrodescendentes criam mecanismos para oferecer outra roupagem à religiosidade herdada de seus antepassados. Entretanto somente no século XIX, esta religiosidade, caracterizada pela resistência adquire fortemente uma estrutura sólida. De alguma maneira, os Candomblés surgem como complexos africanos no Brasil, já que nesses ambientes mostram-se claramente manifestações de uma cultura compreendida hoje, como afro-brasileira, entretanto não silenciam sua matriz africana.

O sincretismo religioso, ferramenta de resistência negra, cujo objetivo consistia no enfrentamento às investidas brancas de apagamento de suas tradições religiosas, foi de suma importância para a preservação dessa fé, apesar de oferecer uma duplicidade de sentidos. Apesar de ser utilizado com o intuito de resguardar uma fé, mascarando-a de outra, evitando dessa maneira, ações mais intensas para a destruição dos vestígios de africanidade que pudessem co-existir com a cultura do dominador, sendo esta entendida como caminho de salvação, regeneração; o sincretismo acabou gerando mais frutos e tendo maior durabilidade do que se fazia necessário. A proposta do pós-travessia se resumia na aquisição de mão de obra e na doutrinação do grupo inferiorizado, a partir da assimilação, que os deixaria aos moldes do colonizador. Entretanto, as coisas não saíram exatamente como se propunha. O sincretismo mascarou e colaborou profundamente na resistência das tradições afrodescendentes, da mesma maneira que se mantém vivo até os dias de hoje. Certamente com menos intensidade, mas objetivamente gerando muito mais confusões. Em dado momento ele passa de máscara à identidade. E nessa situação os orixás ganham uma roupagem católica que abrange inúmeros aspectos, desde conflitos referentes a uma construção católica de santidade, até efetiva confusão de imagens, que termina por sobrepor os santos católicos às divindades africanas, transformando-os em unidade. A religião de matriz africana, até a

atualidade, possibilita dotar seus adeptos de uma identidade negra, africana, afro-brasileira, mediante a recuperação de práticas de origem ancestral. Todavia, a força da cultura do dominador ainda se apresenta. Reafirmar a fé de seus ancestrais condenou o escravizado e os sobreviventes desse processo à invisibilidade. Somente após, aparentemente, se render a cultura do dominador, o negro escravizado no passado e regularmente marginalizado no dia a dia da sociedade brasileira, consegue se fazer existir efetivamente nesse espaço. Atualmente, o sincretismo já perdeu o sentido no cotidiano do candomblé, ainda assim, não está totalmente desvinculado dessa via religiosa.

Como afirma Reginaldo Prandi:

Somente muito recentemente – quando a sociedade brasileira não precisa mais do catolicismo como a grande e única fonte de transcendência que possa legitimá-la e fornecer os controles valorativos da vida social -, as religiões de origem negra começaram a se desligar do catolicismo. Mas isso é um projeto de mudança de identidade que mal começou e que exige, antes, outras experiências de situar-se no mundo com mais liberdade e direitos de pertencimento (1995,p.116)

Para o Candomblé, a palavra é símbolo de poder. Carregada com a simbologia do axé, força vital, a palavra é responsável pelo movimento, pelo fazer acontecer. A prática da contação de histórias e conseqüentemente a transmissão oral de conhecimentos é para os adeptos do candomblé, algo que estabelece uma ligação, senão uma relação com os antepassados e toda a ancestralidade, que exerce grande influência no cotidiano de África. “A palavra ocupa um lugar especial nas comunidades, a ela é atribuída o poder de animar a vida e colocar em movimento o axé contido na natureza”(BARROS, 2009, p.40)

Por ser uma religião hierárquica, está centrado na figura do mais velho o domínio do poder, da energia, da magia que a palavra carrega consigo. É o mais velho que detém o poder que a palavra emite e por meio do oralidade, da contação de história, que são reflexos da memória ancestral, se transmite conhecimento, e nesse momento é que se manifesta a potência ancestral na existência daqueles que são parte e crêem nessas manifestações religiosas. “Quem põe a palavra em circulação ascende a um nível de poder maior, pois intervém no real, quase sempre com um impulso de modificá-lo, dada a força cosmogônica da palavra que faz circular” (PADILHA, 2007, p.275). A figura do

mais velho é intensamente marcada pelo prestígio, uma vez que a velhice seria, talvez, o ápice de toda a trajetória nesse mundo. Existe a crença na continuidade da vida, e nesse sentido a morte seria um momento de travessia. Obviamente esse processo não está restrito aos mais velhos, já que muitos jovens realizam essa travessia, mas seria o ancião, um grande símbolo de experiência no mundo dos humanos, ao mesmo tempo, que mais ligados aos ancestrais e também à sabedoria que a ancestralidade nos oferece. É o ancião uma espécie de elo, entre o passado e o presente. Diante do valor que a palavra possui, em um olhar afrodescendente, justifica-se o domínio dos mais velhos sobre ela, “a palavra é por excelência o grande agente ativo da magia africana.” (HAMPATÉ BA, 1981, p.17)

É válido que consideremos nessa perspectiva, que a marcação de tempo, e conseqüentemente a hierarquia, no cotidiano do Candomblé tem possibilidades de variação, frente a nossa percepção de jovem e velho, uma vez que “ é possível ser uma criança na idade e um adulto no santo. Nesse caso, os lugares de poder e hierarquia são outros. Trata-se de uma lógica muito diferente do adultocentrismo que impera em nossa sociedade e, sobretudo, na escola.” (BENISTE, 2012, p.20). Esse entendimento não faz de uma criança um ancião. Nesse sentido, este último, estaria sim, relacionado à concepção de juventude e velhice, vigentes em nossa cultura. A variação de que se fala está centrada no espaço da religiosidade. Essa abordagem pode nos mostrar as diversas possibilidades de atuação de uma criança no espaço religioso afro-brasileiro. Ela não se limita a uma condição cotidiana, que a coloca em processo de vir a ser, muitas vezes religiosamente, ela é.

Buscando uma releitura dos hábitos da sociedade brasileira em relação à postura dispensada a figura do culturalmente afrodescendente, a reflexão a partir do mito e uma outra perspectiva no olhar para a religiosidade afro-brasileira e todas a riqueza cultural que ela traz consigo são relevantes possibilidades de se reconstruir um imaginário, partindo da figura da criança, retrato do futuro. Além de oferecer, desde já às crianças de Candomblé a possibilidade de inserção e aceitação de suas práticas religiosas, desfazendo o silenciamento tão comum a respeito de sua pertença religiosa e as manifestações culturais que provém dela e promovendo dessa forma, um enfrentamento ao preconceito e desrespeito religioso.

Pensando a palavra africana, a manutenção, e ressignificação do culto aos orixás no novo mundo, e nesse momento se fala de Brasil, podemos refletir sobre a relevância dos mitos yorubás na reconstrução de perspectivas e abordagens sobre a afrobrasilidade. Os mitos podem ser entendidos como a expressão cultural de um povo. Da mesma forma que acontece em qualquer sociedade, para os yorubás os primórdios têm muita relevância. O mito é o registro de grandes acontecimentos, considerados meios premonitórios de situações posteriores, pois para a cultura africana, o tempo é cíclico e por assim ser, tudo que acontece ou acontecerá, um dia já aconteceu. Dessa forma, o mito serve para justificar os fatos e prevenir a humanidade de algumas situações. A mitologia yorubá surge da necessidade de um povo, com uma tradição embasada na oralidade registrar sua história.

Como religião pautada na oralidade, está nessas manifestações da memória que se traduzem em palavras, as justificativas e pressupostos para a uma série de valores que permeiam as tradições culturais dos yorubás, chamados também de nagôs. Através dele, o mito, o comportamento das pessoas diante da vida e da sociedade é influenciado, como consequência da influência do sagrado na vida dos africanos.

O Candomblé, uma religião com estrutura bastante dinâmica, em seus rituais faz uso constante dos cantos e das danças. No instante em que o mito se revela em cantos rituais, a dança pertinente a dada cantiga reconta através de gestos a passagem que é exaltada. Tais gestos acompanhados dos sons do sagrado permitem uma comunhão com o divino.

Dessa maneira, a pesquisa, que vem se desenvolvendo justifica-se inicialmente, pela importância em considerar-se a oralidade, em seus múltiplos aspectos, como literatura verbal, rica em significados, tradições e essencialmente como memória viva de uma ancestralidade, que pode servir de pano de fundo para o reconhecimento de manifestações da cultura afro-brasileira, através da educação, que pode se configurar como um movimento libertário na contemporaneidade. Segundamente, a pesquisa se propõe a caracterizar a Literatura como um meio de preservação e propagação cultural, que pode exercer função social, quebrando paradigmas preconceituosos no que se refere à religiosidade e cultura africana. Além disso, a pesquisa também se justifica por analisar o valor da Literatura Infantil e Juvenil na formação do imaginário popular. É também uma relevante justificativa a proposta de reconhecer a importância e influência

do Candomblé, como um complexo cultural afro-brasileiro, que por assim ser, produz reflexos incisivos na formação cultural afrodescendente.

Considerando a lei e a necessidade de oferecer voz às culturas africanas no cenário brasileiro, é possível perceber nos mitos yorubás caminhos para um trabalho educacional de desconstrução de estigmas referentes à religiosidade afrodescendente, assim como a partir dos valores morais e éticos que essas histórias podem nos transmitir é viável que se ressignifique o entendimento de práticas e posicionamentos da sociedade, frente à comunidade candomblecista.

Por mais que o caráter oral seja de maior valia em uma percepção afro-brasileira, diante das necessidades que a reestruturação desses cultos e tradições vieram mostrando ao longo do tempo, algumas perspectivas foram revistas. Houve a necessidade da escrita se inserir nesse contexto, para que na releitura dessas tradições em meio a modernidade, a intervenção de culturas dominantes não pudesse distorcer a estrutura de base dessa religiosidade. O enfrentamento a uma cultura dominante em favor de uma cultura ancestral, faz do Candomblé um espaço de resistência. Durante muitos anos as yalorixás e babalorixás silenciaram diante da sociedade, mantendo suas tradições e cultura restritas aos muros de suas comunidades religiosas. A intolerância, o desrespeito e a repressão geraram o clima de mistério. Além desse fator há de se fazer referência também a cultura das casas de orixá, que afirma o passar do conhecimento de forma gradativa, de pais para filhos ou mais velhos para mais novos.

Na maior parte das vezes, na figura da yalorixá, uma vez que trata-se de uma religião inicialmente matrilinear, tem-se uma intelectual orgânica, que apontará caminhos para a produção de visões de mundo, a partir da difusão de idéias originárias das tradições africanas. A exemplo dessa intelectualidade, tem-se Mãe Stella de Oxóssi, Odé Kayodê. Sacerdotisa do centenário candomblé baiano do Ilê Axé Opô Afonjá, essa yalorixá de grande representatividade no âmbito afro-brasileiro, nos sugere em seus escritos a necessidade de registrar aos moldes da cultura ocidental, ou seja, a partir da palavra escrita, algumas referências e pressupostos da afrobrasilidade, sem no entanto se desconsiderar a importância da oralidade e a vivência dessa prática no cotidiano das casas e comunidades candomblecistas.

Diante da escrita do que se reconhecia originalmente como pertencente ao espaço da oralidade, têm-se a oratura, como nos traz Laura Padilha.

A oralidade, ou oratura, como também alguns a denominam, se faz assim, a base de sustentação cultural africana e como que contamina o texto literário moderno, tornando-o uma espécie de falescrita ou , como em vários outros tempos e lugares afirmei, um espaço híbrido, intervalar, que se sustenta na fronteira gozosa onde a voz se encontra com a letra. (2007, p. 279)

Trata-se da literatura que reproduz ou se embasa na oralidade. A partir desse cruzamento podemos perceber uma grande ferramenta para o enfrentamento ao silenciamento das culturas africanas na educação. Trabalhando a mitologia dos orixás, com toda a simbologia que lhe é conferida, a partir de um trabalho pertinente com a Literatura, podemos contribuir com a reconstrução do imaginário social, no que se refere à afrobrasilidade.

Na contemporaneidade, vem ganhando destaque a construção e o desenvolvimento de políticas e ações que envolvam a diversidade cultural e as mais variadas manifestações das pluralidades. A temática etnicorracial se faz presente em variados campos da realidade social brasileira, em especial na educação. “Nunca se falou tanto da diversidade e da identidade como no atual quadro do desenvolvimento mundial dominado pela globalização da economia, das técnicas e dos meios de comunicação” (MUNANGA, 2010, p.47) Não é mais possível enxergar culturalmente o Brasil como um bloco homogêneo. A idéia de diversidade, assim como o respeito e valorização da mesma, vem roubando a cena.

Historicamente é de fácil percepção na educação brasileira uma abordagem eurocêntrica. Por essa perspectivas percebemos uma educação que tende a silenciar e/ou subalternizar, as referências de outras vias que não as do colonizador. São ainda resquícios da colonização que desenrolam uma educação que tem dificuldade em lidar com as diversidades, sejam elas étnicas, religiosas, culturais, sexuais, sociais, entre outras. Faz parte das atribuições da escola, a responsabilidade de promover a construção do respeito e desconstrução dos dilemas da sociedade, incluindo a desvalorização das diferenças e as bases do racismo.

Considerando o relevante momento sócio-cultural brasileiro, que vem sendo vivenciado e a valorização das manifestações africanas e afro-brasileiras, que progressivamente, ganha espaço na realidade do país, podemos afirmar que a temática africana e afro-brasileira promove cada vez mais discussões. O embasamento para as reflexões acerca das manifestações da afrobrasilidade na Literatura, assim como no

contexto educação como todo, são as leis, as diretrizes curriculares nacionais da educação das relações etnicorraciais, e os PCNs. A proposta da pesquisa é investigar a manifestação dos mitos religiosos africanos, que chegaram ao Brasil com mais intensidade (yorubás) , através da Literatura Infantil e Juvenil. E a partir daí, observar como a Literatura pode colaborar, no sentido de apresentar os aspectos culturais de povos que compuseram, de alguma maneira, a estruturação do que reconhecemos hoje, como povo brasileiro.

Diante do que fora dito, pode-se considerar que a proposta da pesquisa é envolta por uma realidade bastante atual, na qual se propõe a alteração de antigas visões e construções do imaginário popular, decorrentes do desconhecimento das raízes culturais que justificam as manifestações da religiosidade e cultura africana. Tais questões, tendo como suporte uma releitura por meio das redes educativas pode render bons frutos para a sociedade como todo, sendo uma relevante contribuição para os estudos referentes às relações etnicorraciais.

Segundo Câmara Cascudo, na obra *Literatura Oral*, o conceito que dá título à referida obra do folclorista passou a ser admitido como objeto de estudo, em meados do século XIX. O primeiro estudioso a utilizar o termo foi o francês Paul Sébillot no livro *Littérature Orale de la Haute Bretagne*, em 1881. A obra em questão tratou do registro das múltiplas manifestações culturais de cunho literário, geradas sem a presença de elementos gráficos. Apesar da dedicação de alguns estudiosos para caracterizar a narrativa oral como Literatura, ainda há quem se recuse a reconhecê-la como tal, de maneira que, ainda que indiretamente, acabam por diminuir as sociedades e práticas de suporte oral.

Como nos afirma Laura Padilha:

Reforçar a importância da tradição oral não significa, de modo algum, querer dizer que os povos africanos fossem ágrafos, mas apenas reiterar a importância da voz como caixa de ressonância e/ou de ampliação que fez com que a memória do local da cultura resistisse aos canhões contra ela disparados. A voz se complementa ou suplementa , melhor seria dizer, com várias outras formas de escrita [...] (2007, p.279)

Não se deve perder de vista a percepção de que a Literatura, seja ela oral ou escrita, de alguma maneira, acaba por se ressignificar, em uma abordagem pautada na afrobrasilidade, adquirindo a roupagem de um dos principais agentes de transmissão e

divulgação do patrimônio cultural de sociedades africanas e afro-brasileiras, que têm na mitologia o referencial. Da mesma forma, pode ser entendida como uma espécie de guardiã de memórias vivas dos antepassados. Sob a vertente de sua face infanto-juvenil, essa Literatura pode ganhar a forma de releitora e reconstrutora de concepções culturalmente enraizadas, já que o público a que se destina, de alguma forma, representa as perspectivas para o futuro. Essa reconstrução de paradigmas se embasaria na ação educativa e reflexiva da Literatura no cotidiano do público leitor. Um aspecto de grande valia revela-se na proposta de perceber a Literatura Infanto-Juvenil brasileira, considerando a presença da africanidade nessas narrativas, embasadas pelo tripé oralidade-religiosidade-cultura e sua ação na (re)construção do imaginário infantil de uma África, agora identificada por uma imensa riqueza cultural.

Desconstruir imagens pejorativas do afrodescendente, suas tradições e manifestações culturais e religiosas, é extremamente necessário para que se promova a tão falada igualdade racial. A proposta não se resume a uma questão religiosa, ela sugere a partir de uma comunhão, entre mitologia, literatura e educação, sólidos caminhos para a construção e desenvolvimento do respeito mútuo em toda a sociedade, sem a hipocrisia dos preconceitos velados e alicerçados pela ignorância. É preciso conhecer para entender e conseqüentemente respeitar.

Pensando a educação, a afrobrasilidade, e as relações etnicorraciais, podemos perceber algumas formas de trabalhar a cultura, religiosidade, línguas e tradição africana e afro-brasileira por meio da Literatura que vem reconfigurando sua estrutura, à medida que começa a oferecer de maneira mais intensa espaço e dando voz ao sujeito negro permitindo-lhe uma auto-afirmação de sua identidade cultural. Através desse instrumento ideológico que é a Literatura podemos reconstruir conceitos no imaginário dessa e das próximas gerações por meio de um trabalho gradativo que renderá bons frutos que podem se resumir na incansavelmente falada, igualdade racial, deixando o preconceito, desdém e as visões pejorativas do negro e de suas manifestações culturais como marcas de um passado surpreendido pela superação.

A pesquisa vem se desenvolvendo através de extensa pesquisa bibliográfica, que oferece o embasamento teórico para o desenrolar da proposta. É também parte da metodologia utilizada, visitas/entrevistas a duas casas de candomblé Ketu, no caso trata-se do Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador-BA e o Ilê Axé Omi Oju Arô, no Rio de

Janeiro, visando a obtenção máxima de aspectos da tradição oral africana, que se faz tão presente nesses complexos culturais afro-brasileiros, através de entrevistas com suas respectivas matriarcas, Mãe Stella de Oxóssi e Mãe Beata de Yemanjá, assim como de crianças pertencentes às comunidades religiosas. Almeja-se também observar a influência da literatura oral, mítica/religiosa, na formação identitária e do cotidiano das crianças ligadas às comunidades de terreiro. A entrada em campo ainda não se deu.

No que se refere às obras a serem analisadas incluem-se *Ifá, o adivinho*; *Xangô, o trovão* e *Oxumarê, o arco-íris*, Reginaldo Prandi; *Epé Laiyé – Terra viva*, Maria Stella de Azevedo Santos. A análise das obras almeja observar como a mitologia dos orixás chega a literatura, para que se avalie o trabalho educacional a partir desses textos.

Na metodologia do projeto inclui-se também consultas a documentos audiovisuais, tais como documentários acerca da religiosidade, oralidade e mitologia. A internet também será utilizada como forma de pesquisa.

Atualmente é inadmissível que se compactue com a colonização da educação. Ela é direito de todos e deve se reinventar sempre que a sociedade, que é a quem ela serve; tiver necessidade. Não se deve concordar com uma educação autoritária, repressora. Ela deve oferecer possibilidade de escolha aos educandos. É necessário que esteja viva dentro de cada educador a idéia que Paulo Freire nos traz, considerando a educação como uma forma de intervir no mundo, crendo sempre, que a mudança é possível.

Aproveitando ainda as direções que nos aponta Paulo Freire e nesse momento dialogando, mais uma vez, com Kabengele Munanga: “ (...) somos desafiados a construir uma Pedagogia do oprimido. No entanto, a questão racial nos ajuda a racializar ainda mais essa proposta. Somos levados a construir uma Pedagogia de Diversidade.”(2010,p.45)

Diante do que fora dito, pode-se considerar que a proposta da pesquisa é envolta por uma realidade bastante atual, na qual se propõe a alteração de antigas visões e construções do imaginário popular, decorrentes do desconhecimento das raízes culturais que justificam as manifestações da religiosidade e cultura africana. Tais questões, tendo como suporte uma releitura por meio das redes educativas pode render bons frutos para

a sociedade como todo, sendo uma relevante contribuição para os estudos referentes às relações etnicorraciais.

Referências Bibliográficas

ADÉKÒYÁ, Olúmúyiwá. *Yorubá: Ttradição Oral e História* – São Paulo: Terceira Margem, 1999.

AGUESSY, Honorat et alii. “Introdução à cultura africana”. Lisboa: edições 70, 1997.

AMÂNCIO, Iris Maria da C.; GOMES, Nilma Lino; JORGE; Miriam Lúcia dos S. (orgs). *Literaturas Africanas e Afro-Brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BA, Amadou Hampaté. *A palavra, memória viva na África*. In: *Correio da UNESCO*. Ano 7, nº10, 1979.

_____. “Palavra africana”. In: *O correio da UNESCO*. Paris, Rio, Ano 21, nº11. Nov. 1993.

BARBER, Karin. “ Como o homem cria Deus na África Ocidental: atitudes dos Yorubá para com os òrìsà”, em Moura, C.E.M. de (org). *Meu sinal está no teu corpo*. São Paulo: EDICON- EDUSP, pp. 142-175.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *A fogueira de Xangô, o orixá do fogo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005

_____. *Banquete do Rei – Olubajé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005

BENISTE, José. *Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador: Martins Fontes, 2008

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 3º Edição, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura afro-brasileira”. In.: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (orgs). *Literatura Afro-Brasileira*. Salvador: CEAO; Brasília (DF): Fundação Cultural Palmares, 2006.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula – visita à História Contemporânea*. 2ª edição revisada. São Paulo: Selo Negro, 2008.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & Escritas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

OLSON, David R. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

ÒSÓSI, Mãe Stella de. *Òsósí: O Caçador de Alegrias*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo: 2006.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade cultural. In: O negro na contemporaneidade e suas demandas. Cadernos PENESB 10/ Revista do Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira, n.10, RJ. Jan. de 2008/Junho de 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. “A palavra africana e as memórias antigas”. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende. (Org.). *Educação, Arte e Literatura Africana de Língua Portuguesa: contribuições para a discussão da questão racial na escola*. Rio de Janeiro: Quartet : NEAB-UERJ (Sempre Negro); v. 2, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião*. Revista USP n° 46, São Paulo, 2000.

_____. “Deuses africanos no Brasil: uma apresentação do candomblé”. In. *Herdeiras do Axé*. São Paulo, Hucitec, 1997, PP. 1-50.

_____. *As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia*. Revista Brasileira de Informação bibliográfica em Ciências Sociais – BIB, 2006.

_____. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. *Ifá, o Adivinho*. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2002.

_____. *Xangô, o Trovão*. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2003.

_____. *Oxumarê, o Arco Íris*. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2005.

_____. Raça e religião. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo. n° 42, julho 1995, pp. 113-129.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. 8ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RUTHVEN, K.K. *O mito*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *Epé Laiyé – Terra Viva*. Salvador: Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, 2009.

SERRANO, Carlos e Mauricio *Memória D’África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e diferença. *Revista Científica de Información y Comunicacion*. Número 3, 2006, Sevilla.

VERGER, Pierre. *Lendas dos Orixás*. Salvador: Corrupio, 1981.

_____. *Fluxo e Refluxo do Tráfico de Negros entre o Golfo de Bénin e a Bahia de Todos os Santos - Do Século XVII ao XIX*. Edição Brasileira. Salvador: Corrupio, 1987.

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Ligia C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

Documentos audiovisuais

DVD. *Cultura Negra Resistência e Identidade*. Manaus: CEAP, 2009.

DVD. *O povo brasileiro – Série Estudos Brasileiros*. São Paulo: TV Cultura, 1995

Referências na internet:

<http://www.casadasafricas.org.br/>

<http://www.acordacultura.org.br/>